

“RESPEITO, COMPAIXÃO E DELICADEZA”: CONSTRUIR UMA PONTE ENTRE IGREJA E OS HOMOSSEXUAIS

Marcos Maciel de Souza Araújo¹
José Alves Paiva Júnior Coautor²

RESUMO

A relação entre católicos homossexuais e a Igreja Católica Institucional tem sido, muitas vezes, marcada por acirramentos. Nem sempre é fácil ser homossexual e católico, uma vez que a questão da homossexualidade é tratada pela Igreja Institucional como um pecado. Nesse sentido, construir uma ponte entre católicos homossexuais e Igreja Católica, em vista de dirimir estes acirramentos, torna-se um imperativo tanto para os católicos homossexuais quanto para a Instituição Igreja. Por esta razão, o objetivo desta pesquisa consiste em propor caminhos de via dupla pelos quais a Igreja e os homossexuais possam relacionar-se com respeito, compaixão e delicadeza. Para tanto, a pesquisa fundamenta-se na obra *Tender un puente: como la Iglesia católica e la comunidad LGBTI pueden entablar una relación de respeto, compasión y sensibilidad*, do sacerdote James Martin. Com isso, espera-se contribuir tanto para a desconstrução dos preconceitos e construção de caminhos de encontro e acolhimento às pessoas homossexuais, quanto a promoção da dignidade da pessoa humana reconhecida, promovida e verdadeiramente acolhida como imagem e semelhança de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Católicos LGBTI. Igreja Católica. Diálogo. Respeito. Acolhimento.

1 INTRODUÇÃO

A questão da inclusão das pessoas homossexuais nos diversos âmbitos sociais, embora seja uma demanda antiga na sociedade, continua atual e necessária. É certo que muito já se avançou, sobretudo nos direitos civis, mas também é certo que ainda há um longo caminho a percorrer. No que toca o sentido de pertença e a inclusão das pessoas homoafetivas no âmbito das religiões, a questão segue com certa dificuldade, uma vez que muitas religiões, e no nosso caso a Igreja Católica trata a questão da homossexualidade como tabu ou como um pecado.

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). Membro do Grupo de Estudos em Teologia e Ciências da Religião: hermenêuticas e práticas emancipatórias do curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: marckos.msa@gmail.com

² Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) com bolsa PROSUP/CAPS. Líder do Grupo de Estudos em Teologia e Ciências da Religião: hermenêuticas e práticas emancipatórias do curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: paivajunior19@gmail.com

O objetivo desta pesquisa consiste em propor caminhos de via dupla pelos quais a Igreja e os homossexuais possam relacionar-se com respeito, compaixão e delicadeza. Para tanto, este trabalho apresenta um horizonte para o acolhimento e atendimento pastoral das pessoas homossexuais a partir da obra *Tender um puente: como la Iglesia católica e la comunidade LGBTI pueden entablar una relación de respeto, compasion y sensibilidad*, do sacerdote jesuíta James Martin.

Por mais que se fale de preconceito, exclusão, discriminação, negação da sexualidade até porque isso é um fato na relação católicos homossexuais e Igreja Católica, existem também perspectivas de acolhimento e de respeito. Isso precisa ser notado e evidenciado, não como estratégia de negação dos preconceitos, mas como um passo significativo para superar as diferenças em virtude de construir caminhos afetivos e efetivos de crescimento humano, acolhimento e inclusão verdadeira das pessoas homossexuais na vida da Igreja.

2 DIVERSIDADE E ACOLHIMENTO: A POSIÇÃO DA IGREJA

Sensível e atenta ao imperativo moral do acolhimento e integração da pessoa humana, a Igreja em sua doutrina, ensina que as pessoas homoafetivas “devem ser acolhidas com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta”.³ Contudo, ela se restringe apenas a esta instrução, sem se aprofundar ou orientar como deve ser promovido esses atos diante de toda complexidade da questão. Não apenas por isso, mas não sem isso, é que ainda hoje permanecem muitos sinais de interdição e da falta de acolhimento e integração às pessoas homoafetivas na vida da Igreja. Contudo, há também perspectivas de mudanças, de abertura, de um acolhimento pastoral verdadeiro e possível. É o que propõe James Martin, como veremos.

3 A RELAÇÃO ENTRE IGREJA INSTITUCIONAL E OS HOMOSSEXUAIS: CAMINHOS PASTORAIS POSSÍVEIS

James Martin, é um sacerdote jesuíta americano, comprometido com a causa da acolhida e integração da população LGBTI na Igreja. Sua obra mais conhecida é “*Tender um*

³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 2358.

puente: Como la Iglesia Católica y la comunidad LGBTI pueden entablar una relación de respeto, compasión y sensibilidad” (Construindo uma ponte: como a Igreja Católica e a comunidade LGBTI podem entrar em uma relação de respeito, compaixão e sensibilidade)⁴.

Em sua obra, James Martin reconhece que as relações entre católicos LGBTI e Igreja Católica⁵ são polêmicas e combativas mas que também são por algumas vezes calmas e acolhedoras. Esse misto de relações se deve sobretudo a falta de diálogo e da grande desconfiança entre tais católicos e a hierarquia.⁶ Deste modo, James Martin propõe, a partir das palavras instrutivas do catecismo, “respeito, compaixão e delicadeza”, atitudes favoráveis e recíprocas, tanto por parte dos católicos LGBTI quanto da hierarquia, para que torne possível a construção de uma ponte, ou seja, o estabelecimento de uma relação segura e unitiva, superando o quanto tanto possível, a maior quantidade de obstáculos.

Procurando ser fiel a forma de exposição original do autor em questão, apresentaremos primeiro as atitudes da Igreja institucional que podem levá-la ao encontro da população LGBTI e em seguida as atitudes por parte da população LGBTI que podem aproximá-los da Igreja Institucional.

3.1 Dá Igreja Institucional à comunidade LGBTI

Ir ao encontro é ter uma atitude de esforço e disponibilidade para estar aberto ao outro. A Igreja, que deve assumir a atitude de Jesus, também deve estar sempre pronta e disponível a ir ao encontro de todos os filhos de Deus. Os homossexuais também são filhos de Deus.

3.1.1 Respeito

Primeiramente é preciso entender as significações da palavra respeito, e nesse aspecto, respeito significa reconhecer que a comunidade LGBTI existe. Assim como Jesus reconhece a todo mundo, inclusive a quem parece ser invisível para a comunidade em geral, também deve

⁴ Devido até o presente momento, não haver a tradução oficial da obra de James Martin para a língua portuguesa e a fonte utilizada neste trabalho ter sido o da tradução oficial da língua espanhola, esclarecemos que todas as traduções feitas neste trabalho, para o português, foram de nossa responsabilidade.

⁵ Quando o autor James Martin se refere a “Igreja Católica” está se reportando à hierarquia.

⁶ Cf. MARTIN, James. *Tender un puente: como la Iglesia Católica e la comunidad LGBTI pueden entablar una relacion e respecto, compasion y sensibilidad*. Tradução de Jesús García Abril, SJ. Bilbao: Ediciones Mensajero, 2019.

a Igreja oferecer a comunidade das pessoas homossexuais, o mesmo reconhecimento que qualquer comunidade deseja e merece, simplesmente pelo fato desta comunidade está presente entre os fiéis de Cristo. E assim portanto fazer chegar até eles o ministério pastoral da Igreja.⁷

Uma questão fundamental que assegura e faz exigir o reconhecimento da presença da comunidade homoafetiva na Igreja é o sacramento do Batismo, que os incorpora na Igreja. É essencial a compreensão do Batismo para todos os cristãos, também para a os católicos homossexuais, compreender a importância deste sacramento e suas implicações em sua vida, especialmente pelo fato de os inserir e resguardar o seu lugar na Igreja, de modo que é o próprio Cristo que através do ministro durante a celebração do sacramento, que os chama à Igreja para sempre, uma vez que o sacramento é indelével.⁸

Assim sendo, embora alguns cristãos digam que as pessoas homoafetivas não pertençam a Igreja, pela compreensão dos efeitos do Batismo, é impossível afirmar que os homossexuais batizados não possuem tanto lugar na Igreja como qualquer outro cristão, inclusive clérigo. Um aspecto essencial do respeito então, consiste em tratar os católicos homossexuais, em virtude do seu batismo, como membros plenos de direito na Igreja.⁹

Outro aspecto do respeito consiste em chamar um grupo da maneira que quer ser chamado. Cada pessoa tem o direito de ser chamada como prefere e deseja ser chamado. Isso, porque o nome, inclusive nas escrituras hebraicas, simboliza a identidade de uma pessoa, de modo que, conhecer o nome de uma pessoa significava em certo sentido, ter uma certa intimidade com ela. Isto posto, é importante perceber o modo de como se referir a comunidade LGBTI, evitando expressões antiquadas como por exemplo “afligido com a atração por pessoas do mesmo sexo”.¹⁰

De modo contrário a essa perspectiva, a Igreja não será capaz de escutar a comunidade LGBTI se não for capaz de empregar uma linguagem ofensiva aos seus ouvidos. Neste aspecto, novamente Jesus se torna referência, uma vez que se dirigia aos seguidores com uma linguagem que eles podiam entender, se utilizando de palavras e frases a medida de suas respectivas situações. Quando Jesus se encontra, por exemplo, com os seus primeiros

⁷ Cf. MARTIN, 2019, p. 45.

⁸ Cf. MARTIN, 2019, p. 46.

⁹ Cf. MARTIN, 2019, p. 47.

¹⁰ Cf. MARTIN, 2019, p. 48.

discípulos que eram pecadores, Ele não usa uma linguagem de carpinteiro da qual circunstância ele fazia parte, mas de pescador (Mt 4, 18-22). Isto posto, entende-se que o diálogo respeitoso começa por reconhecer o modo correto de como se falar e se dirigir ao outro.¹¹

Outro aspecto fundamental da dimensão do respeito é compreender e reconhecer que os católicos homoafetivos também manifestam dons para a Igreja, tanto individualmente como comunitariamente.¹² São Paulo mesmo afirma que todos os membros da Igreja são importantes, e mesmo os que são considerado os menores ou menos honrosos merecem ser tratados com um respeito ainda maior (1 Cor 12, 12). James Martin expõem quais podem ser os dons das pessoas homoafetivas:

Muitas pessoas LGBTI, se não a maioria, tem suportado desde muita tenra idade todo tipo de incompreensão, preconceitos, ódios, perseguições e inclusive atos violentos, porque eles precisamente sentem frequentemente uma compaixão natural pelos marginalizados. Sua compaixão é um dom: eles se sentiram muitas vezes mal acolhidos em suas paróquias e em sua Igreja, porém perseveraram, devido a sua profunda fé. Sua perseverança é um dom: frequentemente se mostram indulgentes e perdoam ao clero e a outros funcionários da igreja que os tratam como se fossem mercadoria danificada. Seu perdão é um dom. A compaixão, a perseverança e o perdão são outros tantos dons.¹³

Também deve-se salientar que muitos desses se fazem eles mesmo um dom para Deus e para a Igreja, quando se entregam livremente e em todo o seu ser para a Igreja e se tornam sacerdotes, membros de ordem religiosas masculina ou feminina, missionários ou missionárias e leigos consagrados, vivendo do seu celibato ou do seu voto de castidade, contribuindo assim para o crescimento da Igreja.

Por fim, mas não menos importante, também se manifesta como um aspecto do respeito é que ele deveria se estender até o local de trabalho, sobretudo em uma igreja ou em alguma instituição relacionada com a Igreja. Pois se observa com uma certa facilidade uma tendência a se despedir as pessoas homoafetivas. De fato, as organizações que fazem parte da Igreja podem exigir dos seus colaboradores a vivência dos ensinamentos doutrinários da Igreja, contudo o que não se deve haver é a seletividade, se exigir a observância por parte das

¹¹ Cf. MARTIN, 2019, p. 49.

¹² Cf. MARTIN, 2019, p. 51.

¹³ MARTIN, 2019, p. 55.

peças homoafetivas, também deve se exigir de igual modo aos divorciados, aos que praticam adultério, as pessoas que vivem juntas sem o matrimônio, aos que praticam controle artificial de natalidade, além dos empregados que não são católicos.¹⁴ Tratar com mais rigor as pessoas que vivem sua condição homossexual com liberdade e amor, e fazer disso critério de seleção, constitui claramente um “sinal de discriminação injusta”, que o catecismo pede para que seja sempre evitado.¹⁵

3.1.2 Compaixão

Assim como o respeito, para se compreender bem o sentido da compaixão, é preciso entender o seu significado. Compaixão provem da raiz etimológica da palavra grega *páscho* que significa “experimentar com” ou “sofrer com”. Desta forma, além de respeitar os católicos homoafetivos, a Igreja institucional também deve estar com eles, experimentar a vida e inclusive sofrer com eles.¹⁶

Para essa vivência, a ação mais essencial é o escutar. Pois torna-se impossível experimentar e conhecer a vida de uma pessoa, ou mesmo ser compassivo com ela, se não escuta a pessoa ou mesmo se não te faz perguntas. Portanto, para a Igreja praticar a compaixão é necessário a atitude da escuta. Pois é quando se escuta que se aprende e se desafia e se inspira.¹⁷

Se de fato as pessoas homossexuais forem ouvidas, se escutarão os pedidos de ajuda, especialmente em tempos e lugares de perseguição. E se os filhos e filhas homoafetivos da Igreja são perseguidos, os dirigentes da Igreja são chamados a permanecerem do lado deles.¹⁸ A chamada a permanecer junto as pessoas homossexuais é imperativo à doutrina católica uma vez que o catecismo ensina que toda ou qualquer discriminação para com essas pessoas devem ser evitadas. Então, fundamentalmente, ajudar, defender e preocupar-se por qualquer um que esteja sendo agredido, fisicamente ou não, faz parte da atitude da compaixão.¹⁹

¹⁴ Cf. MARTIN, 2019, p. 59.

¹⁵ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 2358.

¹⁶ Cf. MARTIN, 2019, p. 63.

¹⁷ Cf. MARTIN, 2019, p. 65.

¹⁸ Cf. MARTIN, 2019, p. 68.

¹⁹ Cf. MARTIN, 2019, p. 69.

Dessa forma, a Igreja é chamada a experimentar a vida e inclusive sofrer com todos os grupos marginalizados, como é o caso das pessoas homossexuais. Assim a Igreja se torna próxima, como uma mãe deve ser, celebrando os dons que todos os seus filhos podem oferecer, como afirma Martin:

Podemos celebrar e valorizar algo mais que apenas os dons dos católicos LGBTII. Podemos celebrar e valorizar a eles. Esta é também uma forma de compaixão: tomar parte em suas vidas e experimentar a alegria cristã que os homens e mulheres LGBTII, tenham a idade que tenham, proporcionam a Igreja.²⁰

Desta forma, ter uma atitude de compaixão é basicamente assumir a missão de Jesus, que coloca aos discípulos a tarefa fundamental de levar a salvação a todos (Cf. Mc 16, 15), reintegrando todos na família de Deus.

3.1.3 Sensibilidade

Sensibilidade é definido como conhecimento e compreensão dos sentimentos de outras pessoas. Em vista disso, é impossível reconhecer o sentimento de outra pessoa a distância, assim como, também não dá para conhecer os sentimentos de uma comunidade se não se conhece a comunidade. Então, não dá para a Igreja institucional ser sensível com os membros da comunidade LGBTII, se ela se limita a se comunicar com eles através de correspondências ou publicar artigos, sem nem mesmo conhece-los.²¹ É Jesus em sua práxis que ensina e é modelo de como se deve agir para ter uma atitude sensível. Quando Jesus ia ao encontro com os marginalizados e pecadores, ele não tinha um olhar de categorização, mas apenas olhava para o indivíduo, para a pessoa, indo até elas e respondendo as suas necessidades.²²

Uma forma de manifestar a sensibilidade é observar e ter cuidado com a linguagem utilizada quando se refere as pessoas homossexuais, pois esta pode causar danos e ofender a alguém. Ser sensível é também ter todo o cuidado para não se ofender inecessariamente alguém através de palavras.²³ Isto posto, um termo que deveria ser revisado é o “objetivamente desordenado” que o catecismo coloca para se referir as pessoas homoafetivas,

²⁰ MARTIN, 2019, p. 74.

²¹ Cf. MARTIN, 2019, p. 75.

²² Cf. MARTIN, 2019, p. 78.

²³ Cf. MARTIN, 2019, p. 83.

pois ao generalizar significa dizer que embora a pessoa viva o amor e seja casto, ainda assim é desordenado, e isso é despropositadamente cruel.

3.2 Da comunidade LGBTI à Igreja Institucional

Um encontro autêntico é feito de reciprocidade, ambas as partes devem estar dispostas e abertas para ir em direção ao outro e o acolher. Desta forma, também se faz necessário uma atitude de respeito, compaixão e delicadeza por parte da comunidade LGBTI para com a igreja institucional, até porquê essas três atitudes são expressões do amor que todos os cristãos são chamados a praticar.

3.2.1 Respeito

É notório que na Igreja Católica, a hierarquia²⁴ detém de um grande poder institucional, como o de admitir os fiéis aos sacramentos, autorizar ou negar que sacerdotes celebrem os sacramentos, etc. No entanto, também os católicos LGBTI também possuem, ainda que de forma suave, uma espécie de poder, por exemplo o espaço e a afinidade nos meios de comunicação.²⁵ Os católicos homoafetivos, assim sendo, devem como todos os cristãos respeitarem os que detém o poder institucional na Igreja.

Certamente, para uma boa parte dos católicos homossexuais, sobretudo que tiveram experiências negativas com o acolhimento na igreja, pode ser difícil aceitar a necessidade de se haver essa atitude de respeito. Mas é preciso compreender que a mentalidade do “nós e eles” deve ser superada, pois não se deve acontecer essa rivalidade como se houvesse dois grupos, porquê na verdade só existe um que é a Igreja, aquela que por sua missão própria sempre deve buscar viver a unidade²⁶.

Fica mais fácil ter uma atitude de respeito diante da igreja institucional quando se olhar para o que se crer, e os católicos por sua tradição, crer que os ministros ordenados, pelo mistério do sacramento da ordem recebem a graça para exercer um ministério de liderança na Igreja. Além de se crer na autoridade apostólica dos bispos, que são considerados os

²⁴ Magistério ordenado da Igreja, sobretudo os bispos.

²⁵ Cf. MARTIN, 2019, p. 88.

²⁶ Cf. MARTIN, 2019, p. 88.

sucessores do primeiros apóstolos.²⁷ Conseqüentemente, todos os católicos devem escutar e considerar com respeito os ensinamentos dados pela hierarquia e do magistério da Igreja, uma vez que, quando estes falam, falam com a autoridade de seu papel de mestres.²⁸

Contudo, além do que se pode chamar de “respeito eclesial” devido a autoridade ministerial, a hierarquia merece o respeito mais elementar que é o respeito humano²⁹. Para ser respeitado, é preciso saber respeitar. Como diz Martin: “Respeitar as pessoas com quem não se está de acordo forma parte do núcleo mesmo do estilo cristão, uma parte da qual consiste sem dúvida, o perdão. Uma virtude cristã essencial”.³⁰

3.2.2 Compaixão

Como já foi visto, a definição de compaixão é “experimentar com” ou “sofrer com”, e uma parte disso consiste em saber como é a vida de uma pessoa. Desta forma, para se ter uma atitude de compaixão para com a igreja institucional é preciso que se compreenda como é de fato a vida das pessoas que nela exercem uma função ou poder.³¹ Sobretudo aos bispos, é dado um peso de responsabilidade muito grande para eles, pois além do seu ministério tríplice de ensinar, governar e santificar, compete a eles muitas outras obrigações. Desse modo, assim como a igreja institucional é convidada a experimentar a vida e sofrer com os católicos homoafetivos, também estes são convidados a experimentar a vida e tratar como irmãos os dirigentes da igreja.

A compaixão nos conduz, também, ao que poderíamos chamar de uma “igualdade de coração”, que significa chegar a compreender que ao menos algumas pessoas que ocupam postos de liderança na Igreja podem elas mesmas viver em uma situação problemática.³²

Vale salientar que entre os dirigentes da Igreja também existem os que tiveram sua afetividade reprimida durante toda a vida, devido as mesmas ou mesmo piores atitudes de preconceito pelos quais a comunidade homoafetiva ainda passa hoje em dia. Alguns,

²⁷ Cf. MARTIN, 2019, p. 88.

²⁸ Cf. MARTIN, 2019, p. 89.

²⁹ Cf. MARTIN, 2019, p. 90.

³⁰ Cf. MARTIN, 2019, p. 91.

³¹ Cf. MARTIN, 2019, p. 96.

³² MARTIN, 2019, p. 99.

inclusive, buscaram e encontraram refúgio, segurança e privacidade no mundo religioso.³³ Portanto, é preciso ter uma atitude de compreensão, paciência e compaixão com esses que passaram a vida reprimidos e que portanto aprenderam também a reprimir e perseguir.

3.2.3 Sensibilidade

A sensibilidade é a compreensão, o conhecimento e o cuidado com os sentimentos do outro. Deste modo, ela se manifesta no cuidado de não acusar, provocar, ferir os bispos ou a hierarquia. Ou seja, ela se manifesta não apenas como uma cortesia humana, mas como caridade cristã.³⁴ Na hierarquia reside também a santidade, há os homens e mulheres santos que a compõe.³⁵ Assim sendo, os católicos homossexuais que se sentem excluídos, ao se referir a hierarquia, não devem generalizar a todos como se fossem responsáveis pelos seus sofrimentos.

Deve ser sensível também em compreender que quando as autoridades falam, sobretudo as autoridades da cúria romana, se dirigem ao mundo inteiro, inclusive aos países em que a homossexualidade é considerada como um crime.³⁶ Então, quando a igreja em seu magistério universal pede que as pessoas homossexuais sejam tratadas com dignidade, ela está exercendo uma defesa aos homossexuais de todo o mundo, ela está ficando ao lado deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre católicos LGBT e a Igreja Católica tem sido, muitas vezes, marcada por polêmicas e confrontos. Construir uma ponte entre católicos LGBT e a própria Igreja Católica, pautada no respeito, na compaixão, na sensibilidade humana e evangélica é uma tarefa que implica superar preconceitos históricos, reconhecer diferenças e promover o acolhimento sincero, verdadeiro, afetivo e efetivo das pessoas LGBT na Igreja e pela Igreja.

A construção dessa ponte pode parecer um ideal inalcançável. Entretanto, exatamente por acreditar que mais do que um ideal, a construção dessa ponte é uma tarefa, James Martin apresenta caminhos/attitudes pastorais para que as pessoas homossexuais possam encontrar na

³³ Cf. MARTIN, 2019, p. 101.

³⁴ Cf. MARTIN, 2019, p. 108.

³⁵ Cf. MARTIN, 2019, p. 109.

³⁶ Cf. MARTIN, 2019, p. 110.

Igreja Católica um ambiente de respeito, acolhimento, apoio, amparo, acompanhamento e estímulo para viverem com transparência a sua espiritualidade sem que seja preciso negar a sua natureza, portanto, em harmonia com a sua fé e a sua condição sexual.

Os caminhos de acolhimento não são ideais utópicos. Prova disso é que um dos principais fatores para pô-los em práticas é a tomada de consciência por parte de todos os batizados. Respeitar o outro em sua totalidade é, antes um dever e uma virtude, para todos os cristãos, que professam a fé em um Deus que amou todo o mundo (Cf., Jo 3, 15) e que não faz diferença entre as pessoas (Cf., At 10, 34). Respeitar as pessoas homossexuais, nesse sentido, não é uma opção, mas sim um dever de todo batizado que, configurado a Jesus, assume a sua missão e a parcialidade do seu amor, sobretudo, para com os mais marginalizados e excluídos.

Apesar do esforço, devemos admitir que este trabalho não apresenta soluções definitivas para a questão da superação do preconceito e a efetivação do acolhimento das pessoas homossexuais. Entretanto, o que foi exposto oferece uma contribuição para que se torne possível dar, pelo menos, “os primeiros passos” em direção ao caminho de acolhimento e acompanhamento pastoral das pessoas homossexuais. Sem dúvida, sabemos que desconstruir preconceitos que foram construídos e alimentados durante muitos séculos, é um desafio muito grande, mas não é impossível, ainda que leve longos anos.

REFERÊNCIAS

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTIN, James. **Tender un puente: como la Iglesia Católica e la comunidad LGBTI pueden entablar una relacion e respecto, compasion y sensibilidad.** Tradução de Jesús García Abril, SJ. Bilbao: Ediciones Mensajero, 2019.